

DAS PARCERIAS INTELECTUAIS E AFETIVAS: o que podemos aprender com um grupo de estudos

Jane Felipe*
Alexandre Bello**

Resumo: O presente artigo pretende revisitar algumas pesquisas de mestrado e doutorado desenvolvidas na linha de pesquisa *Educação, Sexualidade e Relações de Gênero*, em especial no eixo temático *Infâncias, Gênero e Sexualidade*, – vinculada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFRGS. A visibilidade e a dimensão que tais investigações têm tomado, especialmente nos dias atuais, mostram o alcance e a pertinência desses temas, que tiveram início nas discussões propostas pelo GEERGE – Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero – e que ainda hoje estão em plena atividade, inspirando a criação de outros grupos de pesquisa no campo da educação. Para dar conta desta tarefa, foram utilizados os dados disponíveis na Plataforma Lattes do CNPq e no repositório de teses e dissertações da UFRGS. O conjunto dos textos divulgados, entre acessos e downloads, já foram visualizados 63180 vezes. Diante deste quadro, é necessário problematizar o acesso e a disseminação dos conhecimentos produzidos por este grupo.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Educação. Pesquisa. GEERGE

ALIANZAS INTELECTUALES Y AFECTIVAS: ¿Qué podemos aprender de un grupo de estudios?

Resumen: El presente artículo pretende revisar algunas investigaciones de maestría y doctorado desarrolladas en la línea de investigación Educación, Sexualidad y Relaciones de Género, en especial en el eje temático Infancia, Género y Sexualidad, – vinculada al Programa de Postgrado de la Facultad de Educación de la UFRGS. La visibilidad y la dimensión que estas investigaciones han tomado, especialmente en los días actuales, muestran el alcance y la pertinencia de esos temas, que comenzaron en las discusiones propuestas por el GEERGE – Grupo de Estudios de Educación y Relaciones de Género – y que aún hoy están en plena actividad, inspirando la creación de otros grupos de investigación en el campo de la educación. Para dar cuenta de esta tarea, se utilizaron los datos disponibles en la Plataforma Lattes del CNPq y en el repositorio de tesis y disertaciones de la UFRGS. El conjunto de los textos divulgados, entre accesos y descargas, ya fueron visualizados 63180 veces. Ante este cuadro, es necesario problematizar el acceso y la diseminación de los conocimientos producidos por este grupo.

Palabras-clave: Género, Sexualidad, Educación. GEERGE

Submissão 18-11-18 Aceite 20-12 18

TRÂNSITOS

Transitar por um grupo de estudos e uma linha de pesquisa na academia é aprender, antes de mais nada, as possibilidades e os limites daquilo que se quer pesquisar. Aprendemos com tais experiências a fazer mais perguntas, a duvidar

* Professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Integra o GEERGE – Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero. Foi uma das fundadoras do GEIN – Grupo de Estudos em Educação Infantil e Infâncias. Atua com os seguintes temas: infâncias, scripts de gênero, sexualidade, educação infantil, educação sexual na escola, pedofilia e pedofilização como prática social contemporânea.

** Possui Doutorado e Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), vinculado à linha de pesquisa Educação, sexualidade e Relações de Gênero do PPGEDU/FACED. Especialista em Educação Infantil (PPGEDU/FACED/UFRGS), Graduado em Educação Física (ESEF/UFRGS). Professor no Centro de Ciências da Educação (CED), Departamento de Metodologia do Ensino (MEN), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) na área de educação infantil.

das nossas certezas, a elaborar questões, percebendo o quanto as teorias (e as metodologias) são provisórias e muitas vezes não dão conta da complexidade dos nossos temas. Somos incentivadas/os a buscar mais referências e a fazer conexões com outros/as autores/as e campos do conhecimento distintos dos nossos, além de ter um compromisso ético-político-pedagógico no que diz respeito à formação docente (inicial e continuada) e a importância de discutirmos temas que ainda hoje, em pleno XXI, são considerados sensíveis e polêmicos, porque tratam dos corpos, das relações de gênero, da sexualidade, das violências.

Aprendemos também a ouvir com atenção o que os demais colegas do grupo e da linha de pesquisa têm a dizer, acolhemos suas sugestões, e seguimos aprendendo a ouvir críticas e sugestões em relação ao trabalho que realizamos como pesquisadoras/es, revisitando também aquilo que já produzimos ao longo dos anos. Deste modo, fazer parte do GEERGE – Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero –, criado em novembro de 1990 pela professora Dr^a Guacira Lopes Louro, e também da Linha de Pesquisa *Educação, Sexualidade e Relações de Gênero*, criada em 2000 e vinculada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFRGS, trouxe-nos a possibilidade de nos constituirmos como pesquisadores/as, a partir de teorizações desenvolvidas no âmbito dos Estudos Feministas, dos Estudos Culturais, dos Estudos Gays e Lésbicos e dos Estudos Queer. Deste modo, pesquisas relacionadas a corpo, gênero, sexualidade e educação, preferencialmente na perspectiva pós-estruturalista, vêm sendo produzidas desde então, levando em conta outros atravessamentos, como classe social, raça/etnia, geração e religião.

Neste artigo revisitaremos algumas pesquisas desenvolvidas na linha de pesquisa, mais especificamente no eixo temático *Infâncias, Gênero e Sexualidade*¹, mostrando a visibilidade e a dimensão que tais temas têm tomado, especialmente nos dias atuais. Cabe ainda salientar que o GEERGE foi o precursor e a inspiração para que muitos outros grupos de estudos no campo da educação se constituíssem Brasil à fora, em praticamente todas as regiões do país, lembrando também que passaram pelo referido grupo de estudos e pela linha de pesquisa pesquisadores/as de vários estados² e países, como Costa Rica, Nicarágua, Argentina, Alemanha, Espanha, Portugal, Moçambique, Cuba, Japão, Canadá, Estados Unidos, dentre outros. Muitos desses/as pesquisadores/as chegaram até nós na condição de mestrandas/os, doutorandas/os

¹ O referido eixo temático, criado em 2001, é coordenado pela Prof^a Dr^a Jane Felipe: <http://lattes.cnpq.br/2330159133166922>. A linha de pesquisa é composta por mais dois eixos temáticos, a saber: *Políticas de corpo e de saúde*, coordenado pela prof^a Dr^a Dagmar Meyer, que fez parte da fundação do GEERGE e da Linha de Pesquisa, e o eixo temático *Masculinidade, gênero e sexualidade* coordenado pelo prof. Dr. Fernando Seffner.

² Bahia, Paraíba, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Alagoas, Sergipe, Maranhão, dentre outros.

ou para a realização de intercâmbios de graduação. Já outros vieram para a realização de estágios de pós-doutorado, anos sabáticos ou ainda para conhecerem melhor o trabalho desenvolvido no nosso grupo de pesquisa e eixos temáticos.

Transitar pelos diversos grupos de estudos posteriormente criados, aprendendo com eles e estabelecendo parcerias de trabalho e pesquisa tem sido uma das atividades mais enriquecedoras para nós, a exemplo do que ocorreu recentemente com a criação do GEDD – Grupo de Estudos em Gênero, Diversidade(s) e Direitos Humanos – que se constitui em um grupo de estudos e pesquisas de caráter multi/interdisciplinar, interinstitucional e acadêmico, vinculado à Faculdade de Direito da Universidade Estadual de Alagoas.

É importante também lembrar que as discussões que fizemos, quando éramos estudantes de mestrado e/ou doutorado, ainda hoje reverberam nos tempos em que agora vivemos. Se há tempos atrás éramos acadêmicos/as vinculados ao GEERGE –, hoje somos docentes, consultores/as, gestores/as, coordenadores/as pedagógicos/as, políticos/as, professores/as espalhados em diversas universidades, escolas e outras instâncias sociais que problematizam as questões de gênero e sexualidade. Além desta ação direta, feita através da interlocução que fazemos com as pessoas com as quais trabalhamos, nossos trabalhos estão disponíveis para acesso e download em diversas plataformas. A seguir buscaremos demonstrar, a partir do Repositório de Teses e Dissertação da UFRGS (www.lume.ufrgs.br), por onde nossos escritos transitam e quais as produções teóricas mais relevantes que temos feito.

REVERBERAÇÕES

Discorrer sobre o GEERGE, demarcando sua importância na nossa constituição de pesquisadores/as, reconhecendo a dispersão dos conhecimentos produzidos não é tarefa simples por uma série de razões. Uma delas refere-se ao volume de trabalho e de produções que conseguimos realizar ao longo de trinta anos e que nem sempre conseguimos registrar, contabilizar ou mesurar de alguma forma. Mas nos limites deste texto (e da nossa memória), caberia dizer que nos anos iniciais do grupo foram produzidas várias dissertações e teses, que eram discutidas, debatidas, tensionadas, estabelecendo assim um modo coletivo de produção de pesquisa³. A partir do ano 2000,

³ Ver os seguintes trabalhos, produzidos na primeira década de atuação do GEERGE: ALMEIDA, Cybele. *Magistério Feminino Laico no Século XIX: uma abordagem histórico-filosófica*. PPEdu/UFRGS, 1991;

com a criação da linha de pesquisa *Educação, Sexualidade e Relações de Gênero*, tais discussões passaram a se dar, prioritariamente no âmbito dos eixos temáticos que compunham a linha⁴. No entanto, o GEERGE seguiu promovendo ciclos de cinema, cursos de Especialização, publicações em revistas nacionais e internacionais, produção de livros, participação em programas de TV e estabelecendo parcerias com outros grupos de pesquisa: NUPACS, NUPSEX, GRECO (UFRGS), Nós do Sul (FURG), GENI (UERJ), dentre tantos outros.

Um aspecto importante que cabe aqui ressaltar refere-se ao fato de termos aprendido, tanto no grupo de estudos quanto na linha de pesquisa, a importância de não nos limitarmos a reproduzir aquilo que os/as autores/as disseram ou escreveram, mas sempre fomos/somos estimulados/as a produzir, em alguma medida, nossas próprias teorizações, pensando em novos conceitos e dialogando com os já existentes. Foi assim que, em nosso eixo temático *Infâncias, Gênero e Sexualidade* construímos e delineamos o conceito de pedofilização como prática social contemporânea e mais recentemente temos discutido o conceito de *scripts* de gênero (2019), revisitando produções de autores/as como Martha Boston e Gary Levy (1991), Gagnon e Simon (1973; 1984), Parker (1991; 1999) e Parker e Gagnon (1995).

Outro ponto importante refere-se ao compromisso que sempre tivemos com as infâncias e a Educação Infantil, de modo que a maioria das dissertações e teses

MEYER, Dagmar. *Reproduzindo relações de poder de classe e de gênero no ensino de Enfermagem*. PPGEdU/UFRGS 1991; SOARES, Rosângela. *Vocações para mulheres: o cotidiano de uma escola religiosa de formação de professores/as*. PPGEdU/UFRGS 1991; TARTAGLIA, Neusa. *Enfermeiras entendem de sindicato?* PPGEdU/UFRGS 1992; CARMINATI, Fabia. *Conflitos e confrontos de mulheres professoras no movimento de greve*. PPGEdU/UFRGS 1993; DELGADO, Andréa. *Destino de Gênero — a educação de mulheres na Escola Feminina de Artes e Ofícios Santa Terezinha*. PPGEdU/UFRFGS 1994; PERES, Eliane. *"Templo de Luz": os cursos noturnos masculinos de instrução primária na Biblioteca Pública Pelotense (1875-1919)*. PPGEdU/UFRGS 1995; FONSECA, Tania. *Vozes e Silêncios do Feminino: de mulher a operária*. PPGEdU/UFRGS 1996; FRAGA, Alex. *Do corpo que se distingue. A constituição do bom-moço e da boa-moça nas práticas escolares*. PPGEdU/UFRGS 1997; MEYER, Dagmar. *Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul*. PPGEdU/UFRGS 1999; SILVA, Rosimeri Aquino da Silva. *Sexualidades na escola em tempos de AIDS*. PPGEdU/UFRGS 1999; FELIPE, Jane. *Governando crianças: jardins de infância em Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX*. PPGEdU/UFRGS 2000.

⁴ Os primeiros trabalhos produzidos na linha de pesquisa foram os seguintes: SABAT, Ruth. *Filmes infantis e a produção performativa da heterossexualidade*. PPGEdU/UFRGS, 2003; SEFFNER, Fernando. *Derivas da masculinidade. Representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual*. PPGEdU/UFRGS, 2003; PARENTE, Regina. *Maçambique de Osório: exílio de um reino negro na diáspora*. PPGEdU/UFRGS 2000; RAEL, Cláudia. *A mocinha mudou para melhor? Gênero e sexualidade nos desenhos da Disney*. PPGEdU/UFRGS 2002; VARGAS, Mara. *"Corpus ex machina: a ciborguização da enfermeira no contexto da terapia intensiva"*. PPGEdU/UFRGS 2002; ANDRADE, Sandra. *Uma boa forma de ser feliz: representações de corpo feminino na revista Boa Forma*. PPGEdU/UFRGS 2002; NUNES, Luis Orestes. *Como o tradicionalismo gaúcho ensina sobre masculinidade*. PPGEdU/UFRGS 2003; KLEIN, Carin. "... um cartão (que) mudou nossa vida?" *Maternidades veiculadas/instituídas no Programa Nacional Bolsa Escola*. PPGEdU/UFRGS, 2003.

defendidas no eixo temático *Infâncias, Gênero e Sexualidade*, tiveram como foco questões relativas a esta primeira etapa da educação básica. Na medida do possível, sempre priorizamos a possibilidade de ouvir as crianças, como uma das possibilidades metodológicas mais produtivas. Passaremos agora a elencar as produções do referido eixo temático⁵.

A pesquisa de Zandra Arguello (2005), *Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil*, buscou perceber o que crianças de 4 a 6 anos entendiam sobre questões de gênero a partir da literatura infantil. Para isso, selecionou histórias não sexistas que contemplavam estes temas. Já a dissertação de Bianca Guizzo (2005), intitulada *Identidades de gênero e propagandas televisivas: um estudo no contexto da educação infantil*, discutiu como as crianças de uma escola pública (5 – 6 anos de idade) percebiam as questões de gênero a partir de peças publicitárias voltadas para elas. Anos mais tarde a mesma autora, em sua tese de doutorado intitulada *‘Aquele negrão me chamou de leitão’: representações e práticas corporais de embelezamento na educação infantil*. (2011), discorreu sobre representações de beleza e feiura e como estas eram entendidas pelas crianças. Outro trabalho que priorizou as observações do conjunto de atividades/espços de uma escola de educação infantil, discutindo questões que giravam em torno das sexualidades e das identidades de gênero das crianças foi a dissertação de Judite Guerra (2005), *Dos “segredos sagrados”: gênero e sexualidade no cotidiano de uma escola infantil*. O curioso título foi escolhido a partir da fala de um menino, que contou à pesquisadora um “segredo sagrado”, dizendo que eles se pelavam na casinha de bonecas que ficava no pátio da escola. Na mesma linha, a dissertação de Alexandre Bello (2006), *Sujeitos infantis masculinos: homens por vir?* buscou compreender a construção das masculinidades na infância, questionando sobre um possível “por vir” relacionado às configurações de gênero. Destaca-se aqui o quanto os meninos, desde a mais tenra idade, são direcionados a exercer uma masculinidade tida como hegemônica, muitas vezes de forma violenta. Para o desenvolvimento de sua pesquisa, o autor entrevistou e observou crianças de uma escola de educação infantil da periferia.

Destacamos ainda a tese desenvolvida por Liliane Madruga Prestes (2014), *Enredadas na rede: jogos para crianças (re) produzindo relações desiguais de gênero*, que procurou discutir os jogos *on line* depois de entrevistar e aplicar um questionário

⁵ Os trabalhos aqui elencados estão disponíveis em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/1>. A descrição que segue cada um dos títulos apresentados é apenas uma breve notícia do que se discute nas pesquisas. A intenção foi apenas dar ao conhecimento do leitor por onde transitam os interesses deste grupo.

com mais de cem crianças sobre como elas usavam a internet. Os resultados apontaram que as crianças muitas vezes ficam expostas a conteúdos não recomendados para elas, pois vários jogos que elas acessam possuem conteúdos machistas, que tratam as mulheres e meninas de modo a inferiorizá-las, além de utilizar o recurso de erotização dos corpos infantis.

Alguns trabalhos no campo da literatura também ocuparam um espaço significativo na trajetória do eixo temático *Infâncias, Gênero e Sexualidade*, além do já mencionado anteriormente, de Arguello (2005). Trata-se da análise feita por Ana Sefton (2006), a partir da literatura infanto-juvenil, sobre a constituição de identidades masculinas e paternas. Sua dissertação de mestrado intitulada “*Pai não é de uso diário*”(?): *paternidades na literatura infanto-juvenil* mostra uma tendência do mercado editorial brasileiro, especialmente a partir da década de 90, quando o número de divórcios cresceu, de discutir temas sensíveis como a separação dos pais e as visitas esporádicas dos homens aos seus filhos. Também a tese de doutorado de Suyan Pires (2009), “*Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais...*”: *o amor romântico na literatura infantil*, buscou analisar livros produzidos a partir da década de 90 que tematizavam as relações amorosas. Em grande parte dos livros analisados reiterava-se a idealização do amor romântico como a resolução de todos os males, cabendo às mulheres cuidar da relação.

“*Como criar meninos e meninas?*”: *o governo das condutas maternas e paternas para a constituição da infância*, de Débora Sostisso (2011), analisa dois livros entendidos como manuais educativos, que tinham por objetivo ensinar aos pais como criar meninos e meninas. Tais livros, que se tornaram *best sellers* em muitos países, traziam concepções de gênero a partir de uma matriz biológica, prestando assim a problematizações entre as relações de poder entre adultos e crianças.

Em relação ao conceito de pedofilização, foram produzidas na linha as seguintes pesquisas: *Com que roupa eu vou? Embelezamento e consumo na composição dos uniformes escolares infantis*, de Dinah Beck (2012), que mostrou como o processo de erotização atingiu os uniformes em uma escola marista de Porto Alegre e como tal processo pode interferir no modo como as meninas investem em seus corpos para tentar dar conta dos padrões estéticos, de embelezamento e consumo contemporâneos.

Gênero e sexualidade na revista Sexy: um roteiro para a masculinidade heterossexual, de Adriane Câmara (2007), problematizou como uma revista masculina pode contribuir e reiterar determinada construção de masculinidade e de que forma ela

veicula imagens erotizadas das mulheres, ao enaltecer os corpos jovens de determinadas atrizes/modelos, como se crianças fossem.

Pedofilização e mercado: o corpo-produto de crianças e adolescentes na era de direitos no Brasil, dissertação de mestrado de Maria do Rosário Nunes (2009), se debruçou sobre documentos públicos voltados à garantia de direitos, mostrando o quanto tais documentos não dão conta da complexidade de temas envolvendo a sexualidade e a exploração sexual de meninas e adolescentes.

Quanto mais quente melhor: corpos femininos nas telas do cinema, tese de doutorado de Marta Friederichs (2015), discute como se constrói um corpo feminino e quais as estratégias e investimentos que são feitos sobre ele, a partir do cinema, utilizando como metodologia a etnografias de cenas. Ao analisar o filme “Quanto mais quente melhor”, que traz a atriz Marilyn Monroe como protagonista, a autora mostra que além de um corpo erotizado, que enaltece um determinado tipo de beleza, há também um jeito de ser mulher, que vincula características de ingenuidade (quase uma infantilidade) e sedução.

Onde estão as meninas? Tensionando o conceito de exploração sexual a partir dos estudos sobre pedofilização e relações de gênero, tese de doutorado de Monise Serpa (2016), discute o conceito de exploração sexual, problematiza questões como erotização precoce, cultura do estupro, medicalização dos corpos “rebeldes”, entre outros temas, a partir da análise de inquéritos, observações em “casas-lares” e abrigos, além de entrevistas com meninas em situação de exploração sexual e com gestores que lidam diretamente com o tema.

Em relação ao tema da violência, destacam-se as pesquisas de Bello, e a pesquisa atual desenvolvida por Lucio Izidro, intitulada “*Direitos Humanos e violência de gênero nas escolas municipais de Arapiraca/AL: contribuições para um debate a partir da formação docente*”.

Sobre as trajetórias escolares, em especial no que diz respeito à formação docente e ao desenvolvimento de uma educação para a sexualidade desde a Educação Infantil, destacam-se os trabalhos de Graciema Rosa (2004), Alessandra Bohm (2009), Lourdes Venzke (2010) e Alissandra Hampel (2013).

Mais recentemente, a pesquisa de Eduardo Zanette (2018), intitulada *Coordenação pedagógica na Educação Infantil e as (im)possibilidades de uma rede (in)formativa sobre gênero e sexualidade*, procurou problematizar como as coordenações pedagógicas vêm articulando as temáticas de gênero e sexualidade

na educação infantil em tempos sombrios, quando professores/as e escolas têm sofrido perseguições ao trabalharem com as temáticas de gênero e sexualidade. Destacam-se ainda as seguintes pesquisas de mestrado em andamento: *Scripts de gênero e o controle dos corpos na Educação Infantil*, de Michele Leguiça; “*Minha mãe não pode falar nada que meu pai fica brabo*”: o que as crianças têm a dizer sobre as violências de gênero, de Jéssica Tairane; “*Crianças, drag queens e educação: a literatura tensionando os scripts de gênero*”, de Cristiano Rosa.

ANDANÇAS

De todos/as os/as autores/as aqui citados, sete atuam em cursos de graduação e pós-graduação em pedagogia, duas na área de psicologia, cinco na educação infantil, no ensino fundamental e médio, uma como deputada federal, uma consultora em educação e duas em educação à distância. Tais profissionais se distribuem principalmente no Rio Grande do Sul, nas cidades de Porto Alegre, Canoas, Novo Hamburgo, Pelotas, Santa Maria, Rio Grande. Além destes e destas ainda podemos encontrar pesquisadoras/es que derivaram desta temática de pesquisa/GEERGE nos estados de Santa Catarina, Minas Gerais, Maranhão e no Distrito Federal. Existe ainda duas representações em outros país: México e Espanha. Ao mencionarmos por onde andam esses profissionais que passaram pelo GEERGE e pela linha de pesquisa, temos a intenção de demonstrar que as discussões acerca das questões de gênero e sexualidade que vêm sendo produzidas por este grupo não ficam restritas a apenas um espaço geográfico. Há nesta dispersão uma grande possibilidade de disseminação de conhecimentos, fato este que é de fundamental importância para que enfrentemos os tempos que temos vivido. Além deste mapeamento sobre onde os pesquisadores e pesquisadoras atuam, é importante destacar que todos estes trabalhos estão disponíveis para acesso e downloads no site: <https://lume.ufrgs.br>⁶. Neste *site* é possível encontrar as estatísticas referentes ao número de vezes que estes textos foram baixados (35.968) e a quantidade de acessos que tiveram (27.212). Esse conjunto de acessos e *downloads* foram feitos a partir de diferentes países: África do Sul, Alemanha, Angola, Argentina, Brasil, Canadá, China, Colômbia, Coreia do Sul, Costa Rica, Dinamarca, Equador, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Índia, Indonésia, Irlanda, Israel, Itália, Japão, México, Moçambique, Noruega, Nova Zelândia, Peru, Portugal, Região da Ásia/Pacífico, Reino Unido,

⁶ Consulta realizada em 11 de janeiro de 2019.

República Checa, Rússia, Suécia, Ucrânia, Uruguai. Ao listarmos os diferentes países que acessaram os trabalhos produzidos na linha/no GEERGE, mais especificamente no nosso eixo temático, poderemos ter a dimensão da abrangência de tais produções.

Como anunciamos no início do texto, aqui apenas estamos nos referindo a uma temática específica, produzida em um único eixo temático. Se fizéssemos este mesmo trabalho de levantamento de dados de todos os eixos temáticos que compõem a linha de pesquisa e que, portanto, tem vinculação com o GEERGE, além dos demais “braços” deste grupo de estudos, perceberíamos o quão grande é a disseminação de conhecimentos por ele promovido, considerando que temos hoje um número significativo de docentes em todos os níveis de ensino espalhados pelo Brasil (alguns também no exterior) e que criaram seus próprios grupos de estudos e pesquisas.

Outro ponto importante a ser destacado é o fato de que aqui, nos limites deste artigo, elencamos apenas as teses e dissertações dos/as pesquisadores/as. Se fizéssemos um levantamento completo de todas as suas produções teríamos um panorama bastante interessante de tudo o que tem sido produzido e socializado. Em outras palavras, o que afirmamos aqui é que as pesquisas que foram/são produzidas não ficaram restritas às prateleiras de bibliotecas ou em arquivos que não são acessados. Há neste conjunto de trabalhos muita potência para servirem de referenciais teóricos e de estudos, lembrando sempre que não existem verdades finais neles apontadas. Estão disponíveis para serem confrontados, discutidos, problematizados. Enfim, estão “aí” para fazer girar esta roda onde as questões de gênero e sexualidade estão colocadas.

TRAVESSIAS

Para finalizar gostaríamos de discutir sobre os tempos que atravessamos/atravessaremos. O panorama atual acerca das discussões sobre uma suposta “Ideologia de Gênero” e sua influência sobre o Plano Nacional de Ensino, apontam para a necessidade de discutirmos os estudos e pesquisas que vem sendo feitos sobre Educação, Sexualidade e Relações de Gênero.

Pensem no nosso passado recente, de onde reverberam e se constituem, segundo algumas perspectivas, as crises atuais de nosso país. Por ocasião do processo de impedimento da presidenta Dilma Roussef, ocorrido em 17 de maio de 2016, na Câmara dos Deputados, um número expressivo de deputados favoráveis ao *impeachment* faziam discursos inflamados contra o fato do governo ter feito

alguns investimentos nas áreas de gênero e sexualidade causando assim muito descontentamento entre segmentos conservadores da sociedade, em especial a bancada evangélica e católica. Como lembra Fernando Seffner (2016, p. 2),

Os mandatos do PT na presidência da república parecem ter ficado marcados pela proposição de políticas públicas de educação em gênero e sexualidade, o que atçou os fantasmas e o pânico moral de coisas tão fabulosas como “mudar o sexo das crianças nas escolas (...)

Associado a isto precisamos pensar no pânico moral que foi instalado em nossa sociedade, especialmente pela campanha eleitoral que levou o atual presidente ao poder. Podemos entender pânico moral como um medo social que se configura, em certa medida, segundo a ótica de seus formuladores, dentre outras coisas, pela dissolução da família heteronormativa, entendendo esta como a única possibilidade de grupo parental, desconsiderando outras configurações que abarquem o conjunto de possíveis agrupamentos afetivos. É necessário pensar que este processo se dá seguindo uma espécie de roteiro onde há a definição de “um” perigo para valores morais. Depois desta definição é importante dar ao conhecimento da população sobre o risco que se está correndo. Por fim, existe a necessidade que se criem meios para que essa ameaça cesse, que seja combatida e eliminada.

Neste sentido, Eduardo Zanette (2018, p. 37) nos alerta para o fato de que:

O discurso de conservação da família (constituída sobre a vertente heteronormativa), também é uma tecnologia potente proclamada pelos grupos conservadores. Através do fundamentalismo cristão, se produz imagetivamente a figura da família homoafetiva ou de qualquer outra forma de relação afetiva, entre aqueles sujeitos que rompem a norma heterossexual, como problema para a sociedade.

Nesse contexto precisamos olhar com atenção os esforços que vêm sendo despendidos por alguns setores conservadores da sociedade que entendem que estas questões não devem ser debatidas, sequer devem, segundo seu ideário, ser mencionadas nas escolas buscando a retirada desses termos dos planos de educação municipais, estaduais e federal.

Com *slogans* do tipo “*Conheça esta Ideologia de Gênero e entenda o perigo que você e seus filhos estão correndo!*”⁷ (Cartilha Ideologia de Gênero), criam um clima de terror, sugerindo que as discussões acerca de gênero e orientação sexual, se implementadas nas escolas, farão com que os/as estudantes tenham que escolher

⁷ <https://s3.amazonaws.com/padrepauloricardo-files/uploads/uieqgb3e61nagba20sna/CartilhaIdeologiaGenero.pdf> (consultado em 11/01/2019)

suas configurações de gênero e sexualidade, sendo influenciados por docentes “mal” intencionados. Na cartilha anunciada acima consta: *“Acontecerá que todas as crianças deverão aprender que não são meninos ou meninas, e que precisam inventar um gênero para si. Para isso, receberão materiais destinados a deformarem sua identidade”*.

Entre diversos vídeos disponíveis *on-line*, destacamos um em especial – “A Ideologia de Gênero nos planos municipais de educação”⁸, gravado e postado pelo Padre Paulo Ricardo de Azevedo Júnior⁹ que pertence ao clero da Arquidiocese de Cuiabá (Mato Grosso – Brasil). Nesse vídeo o religioso expõe todo o seu descontentamento com o que chama de “Ideologia de Gênero” e discorre sobre o efeito que ela pode causar na vida dos estudantes e na sociedade em geral.

Tais posições e equívocos em relação ao conceito de gênero nos fazem pensar nas repercussões que esses próprios discursos podem ter nos processos educativos. Se levarmos em consideração que no dia em que assistimos ao vídeo ele já havia tido 54.000 acessos, e que desses acessos mais de mil pessoas gostaram, enquanto apenas 54 não gostaram, podemos pensar que, ao menos no público que frequenta o site, a grande maioria concorda com as ideias que ali estão postas.

Esses discursos já estão em movimento em determinados regimes de verdade, produzindo assim efeitos de verdade. Vale lembrar que os discursos são cambiantes e disputam entre si um lugar de legitimidade. Esta disputa tem desdobramentos, e um deles pode ser percebido no requerimento encaminhado pelo Deputado Federal Izalci (PSDB/DF – maio de 2015), onde ele discorre longamente sobre a inclusão dos termos gênero e orientação sexual nos documentos oficiais, tratando de associá-los à destruição da família. Soma-se a isso, inúmeros exemplos recentes, apresentados neste período pós-eleitoral, onde alguns ministros e ministras já empossados vêm dando ao conhecimento da população os seus posicionamentos políticos/religiosos. Afirmações de que as cores possuem gêneros definidos, que mulheres deveriam ficar em seus lares cuidando dos afazeres domésticos, dos filhos e maridos, que meninas precisam ser tratadas com princesas, etc., exigindo de nós respostas rápidas e contundentes. Como lembra Foucault (1999, p. 338-9)

Poder e resistências se enfrentam, com táticas mutáveis, móveis, múltiplas, num campo de relações de força, cuja lógica é menos aquela, regulamentada e codificada, do direito e da soberania, do que aquela,

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=mmRtQ4tHSug> (consultado em 11/01/2019)

⁹ <http://lattes.cnpq.br/9737176374797430> – licenciado em Filosofia pelas Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso – FUCMAT, Campo Grande, MS (1987), bacharel em Teologia (1991) e mestre em Direito Canônico (1993) pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma)

estratégica e belicosa, das lutas. A relação entre poder e resistência está menos na forma jurídica da soberania do que naquela estratégica, da luta que então cumprirá analisar.

Neste sentido precisamos estar cientes que a toda forma de poder existe possibilidades de resistência. O poder transita, não está colocado em um lugar fixo, imutável e inatingível. É sempre possível, e no atual quadro necessário, lhe modificar o domínio. Se em nosso passado recente termos como gênero e sexualidade fizeram parte dos documentos oficiais, e, depois, em disputas de poder foram retirados, podemos imaginar que o domínio do poder se alterou. Passou de posições mais progressistas para outras que se configuram como conservadoras e de extrema direita. Neste contexto é necessário que se faça resistência aos avanços que setores conservadores têm atingido. Avanços estes que estão diretamente relacionados aos retrocessos que se configuram especialmente nas áreas que discutem questões de gênero, sexualidade e educação.

Entendendo resistência como possibilidade de escape destes poderes conservadores, não podemos pensar que as reações possam ser aprisionadas, ao contrário, precisamos estar atentos ao fato de que elas vazam por todos os lados. Devemos estar cientes de que os ditames apresentados por estes setores conservadores, buscam delimitar padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornecem a pauta para as transgressões a estes próprios ditames. É em referência a eles que se fazem não apenas os comportamentos que se conformam às regras, mas também os comportamentos que as subvertem.

As pesquisas aqui citadas colaboram para que enfrentemos os ataques que a área de estudos onde o GEERGE se inscreve vem sofrendo nos últimos tempos sejam suportados com tranquilidade. Como buscamos demonstrar, os trabalhos que foram defendidos nos últimos anos têm uma circulação importante. São lidos por muitas pessoas em diferentes locais, o que nos faz pensar que, de alguma forma, colaboramos para a formação de muitos profissionais da área da educação. Mas, antes disto, quando pesquisamos, estamos construindo nossas próprias formações.

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal, por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência (NÓVOA, 1995, p. 25)

Ao finalizarmos este artigo, não poderíamos deixar de fazer referência à Professora Dr^a Guacira Lopes Louro, fundadora do GEERGE e da linha de pesquisa

Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, ambos vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Com ela e com os demais membros do grupo tivemos acolhimento para nossas intenções iniciais de pesquisa, quando estas ainda careciam de maior sustentação teórica. Estabelecemos inúmeras possibilidades de trocas e nossas origens, experiências e dúvidas sempre foram consideradas com atenção e problematizadas, trazendo sempre a possibilidade de aprofundamento teórico e discussão de novos conceitos.

Embora saibamos que os tempos que se apresentam serão tempestuosos para os nossos temas de pesquisa, é muito importante saber que este grupo existe e se constitui em um espaço de resistência.

REFERÊNCIAS

- ARGÜELLO, Zandra Elisa Argüello. Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil. Dissertação de Mestrado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2005. 192 f.
- BECK, Dinah Quesada. Com que roupa eu vou? Embelezamento e consumo na composição dos uniformes escolares infantis. Tese de doutorado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2012. 279 f.
- BELLO, Alexandre Toaldo. Pecúria do amor: relações afetivo-sexuais das jovens em uma escola da periferia de Porto Alegre. Tese de doutorado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2014. 143 f.
- _____. Sujeitos infantis masculinos: homens por vir? Dissertação de Mestrado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2006. 116 f.
- BOHM, Alessandra Maria. Os 'monstros' e a escola: identidade e escolaridade de sujeitos travestis. Dissertação de Mestrado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2009. 103 f.
- CÂMARA, Adriane Peixoto. Gênero e sexualidade na revista *Sexy*: um roteiro para a masculinidade heterossexual. Dissertação de Mestrado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2007. 133 f.
- FELIPE, Jane. Scripts de gênero, sexualidade e infâncias: temas para a formação docente. In: ALBUQUERQUE, Simone; FELIPE, Jane; CORSO, Luciana (org.). Para pensar a docência na Educação Infantil. Porto Alegre: Evangraf, 2019.
- FRIEDERICHS, Marta Cristina. Quanto mais quente melhor: corpos femininos nas telas do cinema. Tese de doutorado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2015. 207 f.
- FOUCAULT, Michel. Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976) Michel Foucault; tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Coleção Tópicos).
- GUERRA, Judite. Dos “segredos sagrados”: gênero e sexualidade no cotidiano de uma escola infantil. Dissertação de Mestrado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2005. 128 f.
- GUIZZO, Bianca Salazar. ‘Aquele negrão me chamou de leitão’: representações e práticas corporais de embelezamento na educação infantil. Tese de doutorado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2011. 199 f.

GUIZZO, Bianca Salazar. Identidades de gênero e propagandas televisivas: um estudo no contexto da educação infantil. Dissertação de Mestrado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2005. 145 f.

HAMPEL, Alissandra. “A gente não pensava nisso...”: educação para a sexualidade, gênero e formação docente na região da Campanha/RS. Tese de doutorado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2013. 194 f.

LOURO, Guacira.

NÓVOA, Antônio. A formação de professores e a profissão docente. In: NÓVOA, A. (coord). Os professores e sua formação. 2 e., Lisboa: Publicações Dom Quixote, p. 15-34, 1995.

NUNES, Maria do Rosário. Pedofilização e mercado: o corpo-produto de crianças e adolescentes na era de direitos no Brasil. Dissertação de Mestrado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2009. 150 f.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, Guacira (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte; Autêntica, 1999.

PIRES, Suyan Maria Ferreira. “Histórias de amor para sempre, histórias de amor para nunca mais...”: o amor romântico na literatura infantil. Tese de doutorado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2009. 176 f.

PRESTES, Liliane Madruga. Enredadas na rede: jogos para crianças (re) produzindo relações desiguais de gênero. Tese de doutorado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2014. 189 f.

ROSA, Graciema de Fátima da. Corpos jovens como superfície de inscrição de textos culturais: recados para a educação escolar. Dissertação de Mestrado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2004. 110 f.

SEFTON, Ana Paula. “Pai não é de uso diário”(?): paternidades na literatura infanto-juvenil. Dissertação de Mestrado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2006. 146 f.

SERPA, Monise Gomes. Onde estão as meninas? Tensionando o conceito de exploração sexual a partir dos estudos sobre pedofilização e relações de gênero. Tese de doutorado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2016. 246 f.

SOSTISSO, Débora Francez. “Como criar meninos e meninas?”: o governo das condutas maternas e paternas para a constituição da infância. Dissertação de Mestrado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2011. 198 f.

VENZKE, Lourdes Helena Dummer. Já não vos assistirá plenamente o direito de errar, porque vos competirá o dever de corrigir’: gênero, docência e educação infantil em Pelotas (décadas 1940-1960). Tese de doutorado. PPGEDU/FACED/UFRGS, 2010. 203 f.

SEFFNER, Fernando. Atravessamentos de gênero, sexualidade e educação: tempos difíceis e novas arenas políticas. Disponível em: <http://www.anpedsul2016.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/11/Eixo-18-G%C3%AAnero-Sexualidade-e-Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf> (Acesso em dezembro 2018)

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 28, p. 101-128, jan./jun. 2007.

Martha Boston e Gary Levy (1991),

Gagnon e Simon (1973; 1984),

Parker (1991; 1999)

Parker e Gagnon (1995).